



Prólogo

A GAROTA NO REFLEXO

Aposto que já encarei meu reflexo em espelhos de salas de ensaio como esta por muitas e muitas horas.

Na maioria das vezes, estava encharcada de suor, desejando que meus dedos do pé caíssem de tantas bolhas e unhas encravadas, ou assistindo a mim mesma tentando piscar, jogar o cabelo e sorrir no tempo certo enquanto nossa professora de dança – “a General” – gritava comigo por estar sempre meio compasso atrasada.

Agora, amontoada nesta sala com outras vinte e quatro trainees – todas praticando há muito, muito mais tempo do que eu – meu reflexo até se parece comigo, mas é como se fosse meu rosto com um filtro do Snapchat. A garota no espelho tem longas mechas de cabelo lilás-acinzentado que parecem acompanhá-la desde que nasceu. Ela parece ter nascido com olhos azuis de outro mundo capazes de perfurar a sua alma. Ela parece nunca ter tido uma única espinha em sua pele limpa e hidratada.

Ela jamais confessaria que seu couro cabeludo está queimando por causa do descolorante, que seus olhos estão coçando por causa das lentes de contato coloridas e que, por baixo de todas aquelas camadas de maquiagem natural coreana, ela está com cara de quem não dorme há dias – porque não dormiu mesmo.

Essa garota sou eu, mas não exatamente. Ela ainda é a Candace de Nova Jersey. Mas essa versão de mim sabe suportar a dor, os machucados e os pés sangrando, a saudade de casa e as dietas desumanas. Ela sabe como lidar com as críticas e os insultos e manter o foco no objetivo final. Ela deixou seus amigos para trás, se despediu da família e voou até Seul. Ela foi escolhida para estar aqui por salas cheias de executivos mais velhos que seu pai.

Como se isso não fosse o bastante, não encosto no meu celular há três meses. Tem sido difícil pra *caramba*.

Atrás de uma porta fechada, o CEO da S.A.Y. Entertainment e seus mais importantes executivos e investidores estão escolhendo quem serão, afinal, as integrantes do super *hypado* e novo *girl group*, a versão feminina da *boy band* de K-pop mais famosa do mundo, a SLK. Algumas garotas estão rezando, andando de um lado para o outro.

Outras estão balançando para a frente e para trás enquanto falam sozinhas. A maioria já está chorando.

Por mais estranho que pareça, estou bem calma. Eu me aproximo do espelho para ver melhor meu rosto familiar, mas ao mesmo tempo desconhecido. Penso em como desejo isso. Como lutei para estar aqui. Lembro que desisti de tudo por isso.

Eu mereço.

Acredito, com todo o meu coração, que estou prestes a me tornar uma *idol*. E não importa quais sejam as outras garotas que eles vão escolher, nós vamos arrasar. Não só na Coreia ou na Ásia, mas em todo o mundo. É o meu destino. Sinto isso nas raízes do meu cabelo roxo-unicórnio.

Parte 1

Candace Park, de Fort Lee, Nova Jersey

CAPÍTULO 1

Você é aquele unicórnio?

Quatro meses antes...

Um dos meus grandes talentos é *air bowing*, que seria a versão orquestral de *lip syncing*, exceto pelo fato de que não é uma habilidade legal e nunca vai ser. Nunca vai existir um programa de TV chamado *Air-Bow Battle*.

A Orquestra Sinfônica da Fort Lee Magnet vai abrir o Festival de Artes da Primavera com uma versão empolgante de “Primavera”, de Vivaldi (um pouco previsível, eu sei). Mantenho meu arco apenas alguns milímetros acima das cordas enquanto balanço para a frente e para trás, curvando o lábio superior como se estivesse sentindo um cheiro desagradável, tudo para dar a *impressão* de que meu corpo inteiro está possuído pela emoção crescente da música – mesmo que, na verdade, eu não esteja produzindo som algum. É melhor para todo mundo que eu só finja tocar. Assim ninguém vai me ouvir.

Se dependesse de mim, eu mandaria minha viola para o espaço. Foi ideia da minha *umma*, quando eu tinha cinco anos, e tive que aceitar. Como poucas crianças escolhem a viola, ela achou que seria mais fácil para eu me destacar e ser aceita em orquestras infantis de prestígio, o que seria ótimo na hora de me candidatar a vagas em faculdades.

Bom, o tiro saiu pela culatra. Dez anos depois, estou bem no fundo da seção das violas com meu parceiro tão sem talento quanto eu, Chris DeBenedetti. E vamos ser sinceros: violas são os dançarinos coadjuvantes das orquestras. Somos essenciais, mas ninguém presta atenção na gente. Os violinos são os cantores glamorosos que conseguem as melhores partes e as notas mais valiosas. Os violoncelos são aqueles membros taciturnos, misteriosos e sexy que têm o maior número de seguidores no Instagram.

Violas são a Michelle Williams do Destiny’s Child dos

instrumentos de corda... tirando a parte de serem ícones ou melhores amigas da Beyoncé.

É só quando todos nos levantamos para os agradecimentos no final da música que enxergo minha *umma* e meu *abba* na plateia. *Abba* está aplaudindo freneticamente com a boca aberta em um O, enquanto *umma* tira milhares de fotos com flash de mim no meu uniforme de orquestra horroroso (uma blusa branca de babados e uma saia verde na altura do tornozelo). Sorrio miseravelmente, sem enxergar nada por causa das luzes, até que possamos nos sentar novamente para assistir às apresentações do coral, que é o que o público realmente veio ver.

Ao contrário do estereótipo de todo filme de ensino médio, o coral na verdade é formado pelos alunos mais descolados da Fort Lee Magnet. É considerado a atividade “mais fácil” das eletivas de arte, então está cheio de garotas populares e atletas, incluindo meu irmão mais velho, Tommy.

O coral tem tantos membros que, para essa apresentação, teve que ser dividido em grupos. Para o número de abertura, Tommy e vinte de seus amigos entram no palco vestindo regatas neon, bandanas e meias de cano alto; os alunos na plateia, especialmente as garotas, vão à loucura. Eles apresentam uma performance irônica do clássico “What Makes You Beautiful”, do One Direction.

Os garotos não são bons cantores; fazem graça e cantam sem afinação enquanto reproduzem todos os movimentos típicos de *boy bands*, como desenhar corações no ar, apontar para garotas na plateia, colocar as mãos sobre o peito e piscar. Mas eles agem de um jeito tão despreocupado, sem medo de parecerem idiotas, que – tenho que admitir – a apresentação fica legal mesmo. Tommy e seus amigos do time de beisebol se posicionam na frente do palco, sob os holofotes, com Tommy no meio deles. Vejo minha melhor amiga, Imani, na primeira fila, literalmente desmaiando – ela sempre disse que meu irmão é seu “maior crush”, o que é nada a ver e vergonha alheia demais para mim.

Não sei o que me dá quando vejo Tommy e todos aqueles garotos lá, mas de repente estou cerrando os punhos. Eu me imagino quebrando minha viola contra o chão.

É tão injusto. *Eu* sou a filha que canta – ou pelo menos eu acho

que canto, já que só faço isso quando estou sozinha no meu quarto. Então por que Tommy pode pular por aí com roupas ridículas, recebendo gritos e aplausos da escola inteira, enquanto eu fico escondida no fundo da orquestra?

Não importa quantas vezes eu tenha implorado à minha *umma* para que ela me deixasse desistir da viola e focar no canto, ela não cede. Na última vez que toquei no assunto, ela gritou “*Bae-jjae-ra!*”, o que significa literalmente “corte meu estômago e me deixe sangrar até a morte!”. É superdramático, mas, basicamente, é a versão coreana de “só por cima do meu cadáver!”.

Ainda mais injusto é o fato de que eu tenho certeza de que não posso fazer parte do coral porque ela *sabe* que eu levaria a sério, ao contrário de Tommy. “Você pode cantar no seu tempo livre”, ela me disse uma vez. “Cantar não é uma arte digna. Você precisa trazer o som de dentro de você com tanta força – todo mundo consegue ver o esforço que você faz”.

O preconceito de *umma* contra o ato de cantar é estranho, porque, para falar a verdade, ela canta bem. Tanto *umma* quanto *abba* estudaram em uma respeitada faculdade de música na Coreia. Foi lá que eles se conheceram, inclusive. *Abba* estava estudando para ser maestro e *umma* estudava performance vocal. Mas também sei que eles não concluíram a faculdade e que se mudaram para os Estados Unidos logo depois de largarem seus cursos. Nenhum deles trabalha com música agora – eles são donos de uma loja de conveniência em Fort Lee –, então eu sei que os sonhos de *umma* com a música deram errado em algum momento, mas ela jamais vai falar sobre isso. Vai ser um daqueles segredos de família, provavelmente para sempre.

Coloco minha viola no chão – algo inaceitável de acordo com o sr. Kuznetsova, o maestro da orquestra – e afundo em minha cadeira. Será que algum dia eu é que vou cantar e pular de um lado para o outro no palco, sem me preocupar com o que os outros pensam? Acho que não até depois do ensino médio, quando eu estiver em algum lugar bem longe da minha família. Enquanto isso, preciso ter paciência e esperar por mais alguns anos, fazendo o papel da garota coreana quietinha que assiste a todas as aulas avançadas, tira notas boas, toca um instrumento clássico e nunca reclama.

Depois da apresentação, Imani e Ethan vêm para minha casa. É uma noite de sexta-feira e estamos fazendo o que mais gostamos: passando o tempo no meu quarto, nos enchendo de comida e assistindo a vídeos no YouTube.

Não que sejamos os excluídos, muito embora estejamos juntos em todas as aulas de nerd. É só que, em vez de ir para festas ou jogos de futebol, preferimos passar o tempo juntos surtando com todas as coisas estranhas pelas quais somos obcecados: vídeos de *RuPaul's Drag Race* aos quais assistimos várias e várias vezes, vídeos de *mukbang* e blogueiras de beleza das quais rimos, mas que secretamente amamos. (“Menos é mais”, Ethan gosta de falar, fingindo aplicar iluminador nas maçãs do rosto. “E não se esqueça da região acima dos lábios!”).

Depois de assistirmos a um pequeno *mukbanger* devorar oito pacotes de macarrão instantâneo superapimentado em menos de quatro minutos, Imani assume o controle do meu computador. Já sei o que ela está prestes a pesquisar: a performance de “Unicorn” que o SLK fez no *Saturday Night Live* da semana passada.

— Eu amo, amo, *amo* o SLK! — Ethan diz enquanto a apresentadora da noite, Jennifer Lawrence, chama os integrantes ao palco.

— Duh! E que desculpa alguém teria pra não gostar? — Imani diz.

Dou de ombros:

— Eles são o.k.

— Pelo visto, alguém aqui tem uma — Imani me lança um olhar de julgamento. — Mano, às vezes eu acho que sou mais coreana que você.

Bom, Imani está *literalmente* comendo *kimchi* direto do pote neste exato momento. Nem eu consigo comer *kimchi* desse jeito — eu gosto dele na comida, especialmente no arroz com curry ou no *jjigae*, mas não tenho coragem de comê-lo puro.

— Quer dizer, fico superfeliz que um grupo asiático seja tão popular e esteja em capas de revista e tudo o mais — digo —, mas a música deles parece um pouco... fabricada?

— Amiga, me poupe — Imani diz, fechando o pote de *kimchi* e voltando para minha cama para abraçar minha baleia de pelúcia gigante, a MulKogi (*mulkogi* significa “água-carne”, ou seja, “peixe” em coreano). — Como se música pop americana não fosse fabricada. Enfim, todos os meninos do SLK sabem cantar e fazer rap. O próprio One.J escreveu vários dos maiores hits deles. E aquela coreografia é *tudo!*

— Sim, olha aquilo, Candanista — Ethan diz, totalmente fascinado. — O One Direction só ficava parado no palco e, tipo, às vezes pulava de um lado para o outro. Esses caras estão servindo *horrores*.

O.k., não sei por que estou mentindo para os meus melhores amigos – acho que preciso fazer terapia para entender isso –, mas na verdade eu sou secretamente uma *superstan* de SLK. Já passei horas assistindo a performances deles em **Music Shows**^[1] coreanos e ao seu *reality show*, o *SLK Adventures*, no YouTube. E desde que o SLK começou a fazer sucesso nos Estados Unidos, passei a acompanhar outros grupos, especialmente o QueenGirl, que saiu em turnê com a Ariana Grande agora. Nada faria Imani, a maior *stan* de K-pop que conheço, mais feliz do que poder surtar por música pop coreana comigo. Mas, por alguma razão, eu fico com vergonha. Não seria *superprevisível* a garota coreana gostar tanto de K-pop?

Na tela, os cinco garotos do SLK se movem em perfeita sincronia, mesmo quando estão dando cambalhotas. Cada um tem um tom diferente de cabelo colorido – eles claramente gastam tanto tempo com maquiagem e figurino quanto qualquer *girl group*. Todos eles são lindos, cada um do seu jeito, especialmente One.J, o *idol* que está sempre no centro, à frente dos outros. Tudo em seu rosto parece ter sido criado em laboratório para ser tão fotogênico quanto é humanamente possível: seus olhos melancólicos; seus lábios com cor de doce; seu maxilar esculpido em forma de V. De alguma maneira, nenhum de seus movimentos parece ensaiado. Quando os garotos passam as mãos por seus cabelos, parece que One.J está fazendo isso espontaneamente, só porque sentiu vontade, e os outros quatro viram como era incrível e decidiram copiá-lo.

A plateia do *Saturday Night Live* vai à loucura quando os garotos fazem a dança de “Unicorn”. Essa é uma música perfeita, mesmo que

o refrão, a única parte da letra em inglês, não faça tanto sentido: “Baby, agora eu acredito em unicórnios / Você é a garota que eu estive procurando / Procurando sob o arco-íris / Baby, tudo que eu sei / Você é meu unicórnio, uma em um bilhão”.

Ao final da música, nós três estamos dançando pelo quarto, cantando a plenos pulmões. Imani balança o cabelo para a frente e para trás, Ethan faz um *duck walk* e eu mexo meu corpo sem qualquer respeito pelo ritmo ou pela minha dignidade.

— O.k., eu admito — digo, ofegante — essa música é superviciante.

Logo depois da apresentação no *Saturday Night Live*, “Unicorn” começa a tocar novamente.

Estamos prontos para gritar a música de novo, mas não é o Music Video — é uma propaganda (quantos comerciais, YouTube!). As palavras “VOCÊ É UMA EM UM BILHÃO?” aparecem na tela. E então:

S.A.Y. ENTERTAINMENT,
A EMPRESA QUE TROUXE A VOCÊ
A SENSÇÃO GLOBAL NÚMERO 1 SLK,
ESTÁ PROCURANDO POR SEU PRIMEIRO *GIRL GROUP*.

O texto corta para um clipe dos garotos do SLK lançando olhares intimidadores e sexy diretamente para a câmera, com a luz refletindo em seus rostos iluminados.

ESTAMOS PROCURANDO POR GAROTAS
QUE CANTAM, DANÇAM E FAZEM RAP COMO O SLK.
É VOCÊ O NOSSO UNICÓRNIO?

Os garotos do SLK dizem para a câmera, sedutores:
— É você o meu unicórnio?
Sinto um calor no estômago quando é a vez de One.J.

SEJA DESCOBERTA,
NAS AUDIÇÕES GLOBAIS DA S.A.Y.,
ROYAL OAK THEATER,
EM PALISADES PARK, NOVA JERSEY,

Caio no riso.

— Eles vão avaliar cantoras ou arranjar namoradas para os garotos?

Imani não está rindo, ela está olhando para mim.

— Você deveria tentar, Candace.

Eu me recuso a responder.

— E logo em Palisades Park? Será que foi um erro na transmissão? Por que uma gravadora de K-pop recrutaria em *Jersey*?

Ethan também não está rindo.

— Bom, *Jersey* é onde os jovens coreano-americanos do subúrbio vivem. — Ele gesticula para mim como se dissesse “Você é a prova viva”.

— Você deveria tentar — Imani repete, séria.

— Ha, ha. — Reviro os olhos. — Você consegue imaginar *meus pais* me deixando largar a escola pra fazer parte de um grupo de K-pop? Além do mais, eu pareço uma *idol* pra você?

Imani passa os olhos sobre meus pés descalços e machucados, meu jeans rasgado e meu moletom preto gigante com capuz.

— Não, nem um pouco. Mas você tem potencial debaixo de... tudo isso. Além disso, você tem ideia do que isso significa? A S.A.Y. é a empresa de entretenimento mais poderosa do K-pop no momento por causa do SLK. Uma versão feminina do SLK seria TUDO!

— E você *canta* — Ethan diz. — Agora mesmo quando a gente estava cantando “Unicorn”, você estava arrasando.

— Mano, eu sempre te disse — Imani fala. — Você tem uma voz de anjo. Você precisa compartilhar isso com o mundo.

Imani já me disse esse tipo de coisa antes. É um belo elogio, claro, mas, por alguma razão, meus olhos ficam um pouco marejados. Deve ser pela mesma razão que me faz ter vergonha de admitir o quanto amo K-pop.

Eu não me incomodo de falar sobre minhas artistas americanas preferidas, como Ariana e Rihanna, mas agora que o SLK agraciou a capa da *Vanity Fair* e o QueenGirl se apresentou com a Cardi B nos VMAs, tudo ficou um pouco real demais. Talvez pessoas como eu possam *mesmo* ser estrelas também, se tiverem talento e a

possibilidade de se arriscarem. No fundo, acho que posso ter talento suficiente. Mas coragem? Com certeza não.

Olho para o violão rosa da Barbie no canto do meu quarto. Foi o presente do meu pai no meu aniversário de doze anos; ele comprou seguindo o preceito paternal de que toda garota ama rosa-choque (e eu meio que amo). Meu *abba* me ensinou alguns acordes básicos e, diferentemente da viola, eu aprendi a tocar violão imediatamente, como se fosse uma parte perdida do meu corpo – talvez porque eu sempre tenha visto o violão como uma ferramenta para cantar. Eu assisti a tutoriais de dedilhado no YouTube e aprendi a tocar as músicas mais antigas da Taylor Swift. Agora meu violão é meu bem mais precioso, a primeira coisa que eu salvaria de um incêndio.

Mesmo assim, só toco na privacidade do meu quarto. Faço vários *covers* e componho algumas músicas. Às vezes filmo a mim mesma e já pensei em postar alguns vídeos no YouTube – cantando uma versão acústica de “Here With Me”, de CHVRCHES e Marshmello, e uma música emotiva que escrevi chamada “Expectations vs. Reality” –, mas esses vídeos são apenas arquivos no meu computador, salvos na minha área de trabalho bagunçada no meio de trabalhos de literatura avançada e relatórios de práticas no laboratório de biologia.

— Humm — digo. — Vou pensar.

— Mano — Imani diz, abrindo um monte de abas no meu computador —, acho que você está subestimando o K-pop. Não é só um gênero musical. Me deixa ser sua guia no universo dos *girl groups*.

Imani nos mostra clipes – os Music Videos, ou MVs, como são chamados no K-pop – de vários tipos de *girl groups*, como QueenGirl, Blackpink, Twice, Red Velvet, Everglow e Itzy. Já assisti a muitos MVs do SLK, mas nunca dei muita atenção aos grupos femininos. Não desse jeito. Os visuais e a coreografia são maravilhosos, as garotas são todas incrivelmente lindas e há vários gêneros e influências, incluindo hip-hop, reggae e EDM.

Enquanto mostra os vídeos, Imani explica a diferença entre **Conceito Girl Crush** e **Conceito Cute** em *girl groups* de K-pop.

Ela também explica as regras do K-pop como se estivesse falando dos reinos de *Game of Thrones*. Há quatro empresas principais: YG, JYP, SMTown e S.A.Y., e elas recrutam talentos no mundo todo – em

sua maioria na Coreia, mas também no Japão, na China, na Tailândia e nos Estados Unidos, geralmente em Los Angeles. Elas procuram jovens talentosos, claro, mas jovens talentosos que cumpram um papel específico que todo grupo de K-pop precisa.

— Então é tudo uma fórmula? — pergunto.

— Quer dizer, não é só isso — Imani diz —, mas sim, o K-pop é meio que uma fábrica de *idols*. As empresas visitam escolas, audições, shoppings e, ultimamente, YouTube e outras redes sociais. Se os jovens que eles recrutarem não forem supertalentosos, as empresas vão se certificar de que eles se *tornem* supertalentosos. Tem todo esse sistema rígido de treinamento pelos quais eles precisam passar antes do *debut*, geralmente por anos. A grande maioria dos trainees nunca debuta depois de passar a infância inteira treinando. É um negócio super *Jogos vorazes*.

Umma aparece na porta. Quando Ethan está no meu quarto, não posso fechar a porta, mesmo que *umma* saiba que não há nada com o que se preocupar.

— Estão se divertindo, crianças?

— Sim, senhora Park! — Imani e Ethan respondem.

— Imani está nos ensinando K-pop Nível Avançado — Ethan diz.

— Eu vou *testar* vocês dois — Imani brinca.

— Que festa — *umma* diz. Posso ver um toque de reprovação em seu rosto. — Imani, sua irmã veio buscar você e o Ethan. Vou pegar um pouco de *kimchi* pra vocês levarem.

— Obrigada, senhora Park!

Depois que Imani e Ethan vão embora, não consigo parar de ver outros MVs de *girl groups*. Eu não tinha ideia de quantos tipos de garotas você pode ser como *idol* – a fofa, a rebelde, a rainha da moda, ou as três ao mesmo tempo. Por que eu nunca pensei nisso como uma possibilidade para mim mesma?

Bom, essa pergunta é idiota. Há tantas razões óbvias pelas quais eu jamais poderia sonhar ser uma *idol*. Em primeiro lugar, meu coreano é horrível; nunca tive que fazer aulas de coreano aos sábados como as pessoas da igreja que conheço. Depois, eu definitivamente

não sei dançar. Tipo, eu não consigo nem balançar meu punho no estilo Jersey Shore – sou ruim assim.

E, é claro, meus pais sempre acabaram com qualquer conversa sobre ser cantora antes mesmo de elas começarem. *Umma* enfiou na minha cabeça e na de Tommy que só existem três, talvez quatro, áreas respeitáveis que podemos seguir: medicina, direito, administração ou carreira acadêmica – nessa ordem. Cantar está bem no final da lista, provavelmente entre ser uma traficante e uma assassina.

Finalmente saio do YouTube e pego meu violão, me certificando de que a porta está fechada. Aperto o botão de gravar na câmera do notebook.

Sei que esse vídeo só vai se perder na bagunça da minha área de trabalho como todos os outros. Jamais será postado. Mesmo assim, gosto de gravar porque – e isso é estranho e supermacabro – eu imagino que, se eu for atropelada por um ônibus escolar ou algo do tipo, gostaria de deixar esses vídeos para que as pessoas soubessem: *Candace sabia mesmo cantar. Candace tinha algo para dizer esse tempo todo.*

Toco os acordes iniciais de “Expectations vs. Reality”. Canto suavemente:

Expectativas:

Eu não gosto de confrontos

Eu não recebo convites

Eu vivo na minha imaginação

Realidade:

Você acha que me conhece

Mas há muitas coisas que você não vê

Espere só até eu me tornar quem eu nasci pra ser

O.k, eu sei que a letra é brega e minhas rimas não são tão boas como as de *Hamilton*, mas estou me abrindo por inteira aqui.

Eu não sou a garota que se impõe

Mas algum dia eu vou estourar

Um dia você vai ouvir essa música

E descobrir que estava errado

Porque suas expectativas não são minha realidade

— Uau, que lindo!

Eu grito e quase derrubo meu violão. Tommy aparece na porta do quarto. Ele está esfregando lágrimas de mentira.

— Sai daqui! — grito, jogando o MulKogi nele.

Tommy agarra MulKogi facilmente.

— Ninguém entende a Candace! Candace é tão profunda!

Empurro Tommy para fora do quarto e grito no corredor:

— *Umma! Abba!* Tommy está me espionando de novo!

— Desculpa, desculpa — Tommy diz, com sotaque coreano, curvando-se diante de mim e caindo no riso. — Vou me desculpar *de verdade* quando você “estourar” e sua música for número 1!

Bato a porta e peço desculpas mentalmente para MulKogi por jogá-lo. MulKogi responde, telepaticamente: “Bom, Tommy mereceu. *Ele* pode participar do coral e você não?”.

Espumando de raiva, mando uma mensagem para Imani.

O.k. Vou fazer a audição.

Sento-me com meu computador e edito o vídeo, cortando a parte final em que Tommy me interrompeu rudemente. Clico no mouse furiosamente, como se fosse o rosto de Tommy, e entro na minha conta no YouTube. Pela primeira vez, depois dos milhares de vídeos que eu já vi na vida, posto um no meu canal. Lá estou eu, Candee-Grrrl0303 (não me julgue, eu criei essa conta no ensino fundamental), com um único vídeo cantando e tocando um violão.

Só porque *umma* tem medo da própria voz por causa de algum fracasso que teve na Coreia bem antes de eu nascer não quer dizer que ela possa calar a minha.

Clico em “publicar”.

Quando olho para o meu celular de novo, Imani já respondeu minha mensagem.

ARRASOUUUUUU!!!!!!!!!!!!

CAPÍTULO 2

Uma em um bilhão

Os braços de Imani e Ethan estão cruzados com os meus para me dar apoio – e para me impedir de fugir. Sou prisioneira dos dois. Sem eles, eu teria voltado para casa no momento em que vi a aglomeração. Centenas, talvez milhares de adolescentes e adultos apareceram para o teste.

A princípio, achei que essa audição fosse apenas para o primeiro *girl group* da S.A.Y. Entertainment, mas, de acordo com os avisos em todo canto, eles também estão procurando por garotos que cantam para seu novo *boy group*, que estão chamando de “SLK 2.0”. A fila se estende do saguão do cinema até o estacionamento, circulando o prédio.

Estou em choque. Eu não sabia que havia tantos fãs de K-pop em toda a Costa Leste, muito menos em Nova Jersey. A maioria deles é asiática, mas fico positivamente surpresa ao ver que há todo tipo de pessoa aqui. Há uma equipe do jornal local filmando pessoas dançando a coreografia de “Unicorn” – que é basicamente fazer um chifre contra a testa com o dedo enquanto imita um galope complicado. É um pouco como a dança de “Gangnam Style” do PSY, exceto pelo fato de que, quando os garotos do SLK dançam, é maneiro e meio sexy.

Olho para os pôsteres gigantes do SLK espalhados ao redor de todo o complexo. São cinco membros: ChangWoo, o líder e “pai” do grupo; YooChin, o rapper principal descolado; Joodah, o único com um senso de estilo realmente ousado; Wookie, o integrante engraçado que quase se parece com um cara normal; e, é claro, One.J, que ocupa as posições de **Center**, **Visual**, **Face** e *maknae* do grupo.

Em alguns pôsteres, os cinco parecem frios e um pouco assustadores, como os vampiros de *Crepúsculo*, com a pele branca

cintilante, os lábios cor de sangue brilhando e os olhos reluzindo um dourado quente. Em outros, eles têm um visual alegre e charmoso, como se fossem o namorado ideal que você sonha conhecer no acampamento de verão, mas nunca encontra de fato.

Por um segundo eu me perco no olhar de One.J em um dos pôsteres no estilo assustador e sexy. Seu olhar ardente. Seus lábios perfeitos, levemente abertos.

Chacoalho o corpo para sair do transe – Imani e Ethan também me ajudam com isso – quando finalmente chegamos à mesa de inscrições depois de esperar na fila por mais de duas horas. A garota na mesa, que está vestindo uma camiseta do SLK, pergunta, um pouco grossa:

— Os três vão participar da audição?

— Não, só essa *idol* aqui — Imani diz.

A garota olha para mim, cética, e me entrega um formulário.

— Próximo — ela resmunga.

Vamos para a área externa do auditório onde as audições estão acontecendo. Eu me sento no chão e começo a preencher o formulário, que está escrito em inglês e em coreano.

Nome: Candace Park

Nome em coreano (se houver): Park Minkyung

Idade: 15

Altura (em cm): 1,54 m

Peso (em kg): Não sei. ALIÁS, QUE DESELEGANTE!

Habilidades (Atuar, Dançar, Cantar): Cantar

Outras habilidades: Tocar violão, compor músicas, já comi três burritos de chipotle de uma só vez.

Artistas ocidentais preferidos: Ariana Grande, Rihanna, Justin Bieber

Artistas de K-pop preferidos: SLK, QueenGirl, Blackpink

Imani espia por cima do meu ombro. Imagino que ela vai me dizer para levar as perguntas mais a sério, mas ela só diz:

— Ótimo. Você está mostrando que tem personalidade. Ah, e as suas escolhas de artistas de K-pop preferidos são muito boas. Você aprende rápido, jovem Padawan.

Entrego meu formulário para a garota emburrada das inscrições, que me dá uma folha de papel com um número para prender à minha roupa: 824. Vejo isso como um bom sinal — meu aniversário é no dia 24 de agosto.

Ethan pega seu celular para me filmar:

— Como você se sente sabendo que está prestes a ser escolhida para a versão feminina do SLK?

Faço um sinal da paz e mostro o sorriso mais fofo que consigo, minha imitação de uma *idol* perfeita.

— Nada disso vai acontecer — digo por trás do meu sorriso exagerado. — Vou cantar a minha música, ser rejeitada e fingir que isso nunca aconteceu.

— Ai, como você é chata — Ethan diz, guardando seu celular.

Olho ao redor. O cinema, hoje fechado para o público, está cheio de jovens que parecem fazer parte de uma convenção de *cosplay*: muita gente com delineador pesado, cabelo neon, gargantilhas e maquiagem gótica pálida. Outros fazem mais o estilo hip-hop, com jeans largos e correntes. Todos estão dançando break ou fazendo aquecimento vocal, dando tudo de si para cantar versões à capela de hits do K-pop como “Loser”, do Big Bang, ou “Love Whisper”, do GFriend. Nunca me senti tão deslocada. Faltei uma aula preparatória do vestibular para vir aqui.

Percebendo meu nervosismo, Imani diz:

— Vamos fazer as Mãos da Diversidade pra dar sorte.

“Mãos da Diversidade” é uma das nossas piadas internas, em que imitamos a foto de uma cartilha que o conselheiro da escola, sr. Torrence, tem no escritório dele sobre “Celebrar a Diversidade”. Juntamos nossas mãos e admiramos as diferenças: a mão negra de Imani; a mão pálida, meio peluda de Ethan; e a minha. Não sei por que as pessoas dizem que a pele dos asiáticos é amarela, porque não é, mas é definitivamente diferente das outras duas.

— Ora, veja só — Ethan diz em sua voz de Pai Chato.

Quando meu nome finalmente é chamado, Ethan me ajuda a pendurar meu violão cor-de-rosa ao redor dos meus ombros. Eu e outros dois candidatos entramos no auditório, onde subimos em um pequeno palco na frente da tela IMAX. Depois que meus olhos se ajustam à luz do holofote brilhando sobre mim, vejo três pessoas na

plateia: um cinegrafista nos filmando, um cara com óculos estilosos e de colete e uma mulher de aparência poderosa vestindo um terno com um sorriso neutro congelado em seu rosto. Já sei que ela é a pessoa que eu realmente devo impressionar.

— Em nome da S.A.Y. Entertainment, Manager Kong agradece a todos vocês por virem à audição — diz o homem de óculos. Manager Kong deve ser a mulher poderosa. — Meu nome é Brandon Choi e serei seu intérprete hoje. Vocês terão até um minuto pra cantar, dançar ou apresentar um monólogo com base na habilidade que escolheram. Quando pedirmos para pararem, significa que já vimos o bastante. Por favor, não continuem. Primeiro, temos o número 822, Ricky Townshend, que vai cantar... “Jebal”. É isso mesmo?

Um garoto negro com cabelo rosa dá um passo à frente. Depois de fazer uma rápida oração em silêncio, Ricky começa a cantar uma balada incrivelmente triste em um coreano perfeito. Mesmo com meu conhecimento básico da língua, sei que *jebal* significa “por favor” – ou algo mais intenso que “por favor”; é mais tipo “*pelo amor de Deus, por favor!!!*” (*umma* sempre grita: *jebal*, vá praticar sua viola!). Ricky arrasa desde a primeira nota. Além de seu coreano ser melhor do que o meu, ele traz uma emoção dolorosa para a letra. Quando ele termina, estou arrepiada e não consigo não aplaudir até que Brandon, o intérprete, me lança um olhar de reprovação.

O próximo é um cara descendente de coreanos com tranças-raiz que decide apresentar um rap que ele mesmo escreveu. Ele se autointitula ANTIKNOTE e suas habilidades são tão boas quanto seu nome. A sra. Kong e Brandon mandam ele parar depois de dez segundos.

Eu sou a terceira e última do grupo. Dou um passo à frente.

— Vou apresentar uma versão acústica de “Bad Guy”, da Billie Eilish — digo, balançando a cabeça. Por causa do meu violão, não consigo fazer uma reverência profunda e adequada, como se espera na Coreia.

Mal enxergo a sra. Kong ou o intérprete, apenas suas silhuetas. Prendo a respiração e dedilho o primeiro acorde.

Quando começo a cantar, percebo que estou acelerando um pouco, mas não consigo evitar – de repente, sinto vergonha da música que escolhi. Minha voz soa fina para mim, provavelmente

porque não canto mais alto que um sussurro há anos. Eu devo estar parecendo uma criança de doze anos com meu violão cor-de-rosa. Ninguém acreditaria que sou “do tipo que deixa sua mãe triste”, como diz a letra. Eu deveria ter escolhido uma música da Carly Rae Jepsen ou algo do tipo.

Eu só esperava cantar a primeira estrofe e o refrão, mas não ouço ninguém me parar. Ou talvez eles estejam gritando para que eu pare, mas não os escuto porque é como se estivesse fora do meu corpo – meu cérebro desligou e meus dedos estão se mexendo por reflexo. Na parte instrumental da música, eu paro de cantar e apenas assobio enquanto dou tapinhas no meu violão conforme a batida.

No final da música, eu interrompo meio que de repente e a ficha cai mais uma vez: estou parada em uma sala de cinema vazia tentando ser escolhida para fazer parte de um grupo de K-pop. Faço outra reverência. O lugar está completamente silencioso e dou um passo para trás para meu lugar ao lado de Ricky e ANTIKDOTÉ.

— Boa — Ricky sussurra para mim.

— Você também — sussurro de volta.

A sra. Kong e Brandon murmuram um para o outro. Percebo que meu corpo inteiro está literalmente tremendo. Uma gota de suor escorre pela minha têmpora.

Brandon finalmente pigarreja.

— Obrigado a todos por virem hoje. Apreciamos seu tempo e esforço, mas estamos procurando por características muito específicas hoje. Todos estão dispensados.

Essa doeu.

Eu tinha zero expectativas para a audição, mas, mesmo assim, meu coração derrete como um relógio de Salvador Dalí e escorre até meu estômago.

Começo a seguir os outros dois para fora do palco quando, de repente, Brandon diz:

— Exceto a 824. Todos estão dispensados, exceto a 824. 824, por favor, continue no palco.

Deixo escapar um gritinho. Sério, o intérprete estava sendo dramático de propósito, como se fosse uma eliminação falsa de *reality show*.

Fico parada e aceno tristemente para Ricky – ele *precisa* virar um

cantor de alguma forma, seja de K-pop ou não – antes de focar na minha próxima tarefa. Se eles quiserem ouvir outra música, decorei como tocar “Since U Been Gone”, da Kelly Clarkson.

— Por favor, tire seu violão — o intérprete diz.

Droga. O.k., eu consigo cantar à capela.

Ponho meu violão no chão, me sentindo toda nua e vulnerável, o que odeio fazer com meu bebê — ele não é minha viola.

— A sra. Kong agradece pela versão criativa de “Bad Guy” — Brandon diz. — Que tipo de música você gostaria de dançar?

Eita.

— Dançar? — digo. — Desculpa, acho que houve um engano. Eu só me inscrevi para a audição de canto.

Silêncio.

— Bom, qualquer *idol* vai precisar dançar.

Não importa como, mas preciso dar um jeito de não dançar na frente dessas pessoas.

— Me desculpe... foi a sra. Kong quem disse isso ou só você?

— O quê? — Brandon diz.

Não era a minha intenção soar arrogante, mas sei que soou assim.

— Desculpa, é que eu não entendo por que preciso dançar em uma audição de canto.

Brandon e a sra. Kong deliberam em coreano. Ele se volta para mim e diz:

— Não precisa fazer nada espetacular. Só queremos ver você... sentir a música.

— *Sentir?* — pergunto, completamente atordoada. — Desculpa, não entendi a tarefa...

Antes que eu me dê conta, o sistema de som do cinema começa a tocar “Havana”, da Camila Cabello. Sinto meu estômago revirar.

Congelo.

Eu literalmente esqueço como é ser um humano com um corpo conectado ao cérebro. Uma estrofe inteira toca e eu ainda não me mexi.

Faça alguma coisa, Candace! Grito para mim mesma mentalmente.

Vejo as silhuetas de Brandon e da sra. Kong se mexerem em seus assentos. Olho para a luz vermelha da câmera gravando este

momento humilhante. De repente, sinto que estou fora do meu corpo, assistindo a mim mesma – eu me vejo fazendo arminhas com as mãos.

Para o que é que estou atirando, além das minhas chances de ser uma *idol*? Agora, para o meu horror, estou fazendo o passo do *cabbage patch*. Depois o *sprinkler*. Então o *floss*. Todas as danças bregas que vi Tommy fazer no casamento da tia SoonMi, em Franklin Lakes, no ano passado.

Sem outras ideias, imagino o que uma participante de *RuPaul's Drag Race* faria quando está prestes a perder no “Lip Sync For Your Life” e está desesperada para fazer alguma coisa extravagante enquanto ainda há tempo. Não consigo abrir um espacate aéreo ou fazer um *death drop* ou arrancar minha peruca. Mas *consigo* fazer algo que mais ou menos se parece com *voguing*.

Faço gestos forçados com meus braços como se fosse uma controladora de voo mal-humorada – minha tentativa de fazer um *waacking*. Depois, me agacho e tento fazer um *duck walk*, como já vi Ethan fazer com facilidade um milhão de vezes, mas logo percebo que minhas coxas não são fortes o suficiente. A música para abruptamente bem na hora em que estou caindo de bunda no chão.

— Pare! — o intérprete brada. — A sra. Kong e a S.A.Y. Entertainment agradecem sua participação.

Eu me levanto, totalmente humilhada. Faço uma reverência na direção da sra. Kong e murmuro “obrigada” em coreano formal: “*gamsamnida*”. Pego meu violão e saio do auditório, jogando mechas de cabelo sobre meu rosto para esconder o fato de que ele provavelmente está tão vermelho quanto um pote fervente de *kimchi jjigae*.

CAPÍTULO 3

Número desconhecido

Na segunda-feira, passo o dia todo me sentindo morta por dentro. Não consigo me concentrar nas aulas de biologia avançada ou literatura, e não só porque não paro de receber ligações aleatórias de um número desconhecido, o que me causa problemas com meu professor de biologia, o sr. Delacorte. No almoço, mal consigo engolir duas mordidas de frango *tetrazzini*.

Por que não levei a audição mais a sério?

A cada dois segundos cai a ficha de que essa coisa toda de K-pop poderia ter mudado minha vida de verdade. Eu deveria ter me esforçado mais. Por que eu tratei isso como se fosse uma piada?

Eu deveria ter imaginado que *era óbvio* que me pediriam para dançar. Eu agi como se fosse boa demais para o K-pop, quando, na verdade, eu não sou boa demais para nada. Pelo amor de Deus, eu toco viola.

Depois da escola, Imani, Ethan e eu vamos para a loja de conveniência da minha família – que tem o nome superoriginal de Loja da Família Park – para estudar para a nossa prova de história mundial de amanhã. *Abba* traz um prato de *yakgwas* feitos por *umma*. Nós os vendemos na loja e os clientes amam. São biscoitinhos de mel coreanos, um dos meus doces favoritos – esticam como caramelo, são gostosos de mastigar e gordurosos como donuts. Imani e Ethan também amam.

— Yasss, *yakgwas* são o *jjang*! — Imani exclama, pegando um biscoito.

Abba ri. Meus pais sempre ficam felizes com o amor de Imani por qualquer tipo de coisa coreana.

— Imani — *abba* diz —, você tem cartão de fidelidade de *bubble tea*?

— Na verdade, sr. Park, tenho sim um cartão de fidelidade —

Imani diz, tirando um cartão não usado do bolso.

Desde que a nossa loja começou a vender *bubble tea* — provavelmente a melhor decisão de negócios que meus pais já tomaram — estamos distribuindo cartões de fidelidade compre-dez-ganhe-um-de-graça.

Abba pega o cartão de Imani, faz dez buracos nele de uma só vez e joga os pedacinhos de papel no ar como confete.

— *Bubble tea* de graça para a Imani! — ele comemora. Imani dá pulinhos e gritinhos de alegria enquanto o papel cai sobre a mesa. É uma brincadeira dos dois. É tão fofo que me dá vontade de vomitar.

Umma traz o *bubble tea* gratuito de Imani, de chá oolong com leite, seu favorito, e um chá de pêssego para Ethan, que tem intolerância à lactose. Ela deixa um pedaço de papel na ponta dos canudos, como se fossem um boné — um toque especial de *umma*.

— Ao que vocês estão assistindo? — ela pergunta.

— Só uns vídeos de K-pop — Ethan responde antes de tomar um longo gole de chá.

O SLK está no meio da Rebel World Tour e acabou de fazer um show em Singapura. O YouTube está cheio de **fancams**.

— De novo? Candace, você também gosta desse tipo de coisa? — *umma* pergunta, mordendo os lábios.

— Ah, alguns grupos até que são legais — resmungo, dando de ombros.

Quando ela se vira, faço uma careta em sua direção. Percebo que, se ela tivesse incentivado meu talento em vez de tratá-lo como um segredo vergonhoso, se eu tivesse feito aulas de canto e dança em vez de anos de aulas de viola, eu teria tido a confiança necessária para arrasar na audição. Eu provavelmente estaria me preparando para passar o verão em Seul.

Abba ri, aprovando.

— Eu fico muito surpreso que Candace goste de música coreana — ele diz —, eu sempre acho que Candace é 100% garota americana.

— Candace está virando uma *stan* de K-pop tão obcecada como eu — Imani diz, radiante.

Umma se volta para nossa direção, alarmada. Olho para o lado rapidamente.

Imani nos mostra um monte de vídeos de Joodah e ChangWoo, do SLK, se abraçando de brincadeira no palco.

— Aww, essa tour está tendo bastante *skinship* JooWoo — Imani diz, combinando os nomes dos dois.

— *Skinship*? — Ethan pergunta.

— Essa vai para o Dicionário de K-pop! — Imani diz, abrindo as páginas finais do seu caderno de história mundial, em que ela está escrevendo o *Dicionário avançado de K-pop da Imani*, cheio de todos os jargões e terminologias que eu deveria saber agora que decidi me jogar no mundo do K-pop.

Suspiro, lembrando da audição, de como eles me pediram para sair do palco tão rápido. Quero esquecer de tudo e focar na minha última descoberta: o MV de “Stun Me Stun You”, do QueenGirl. Ver aquelas quatro garotas poderosas arrasando – especialmente a melhor vocalista, WooWee – sempre me motiva. Tiro meu celular da mochila e o ligo.

— Tem 47 chamadas perdidas de um número desconhecido — digo.

— Provavelmente um *stalker* — Ethan diz —, ou um admirador secreto!

— Não atenda — *umma* diz, de trás da bancada. Ela completa, em coreano: — Não dá pra confiar em estranhos hoje em dia.

Duas noites depois, a agonia que sinto quando lembro da audição ainda não passou. Tento pensar em outra coisa agora que as provas das matérias avançadas estão chegando, mas só de me lembrar que não preparei uma dança para uma *audição de k-pop* tenho vontade de dar um soco em mim mesma.

Enquanto jantamos *bulgogi* e *ssam*, o assunto do momento, obviamente, é o vestibular de Tommy, que se aproxima, e minhas provas. É tudo tão previsível que suspiro alto enquanto enrolo um *ssam* meio frouxo.

— Por que esse suspiro desanimado? — *umma* pergunta em coreano.

— Nada — respondo, suspirando de novo.

Depois do jantar, *umma* chama Tommy e eu para nossa ligação semanal de quarta-feira à noite. Ela está falando com nosso *harabuji*, nosso avô, que mora na Coreia, no KakaoTalk Video, o aplicativo de mensagens mais popular de lá. Fico na ponta dos dedos do pé e Tommy se agacha para que nós dois possamos aparecer na tela. Tommy ainda não tomou banho depois do treino de beisebol, então cheira a suor. O rosto de *harabuji* está instável na tela.

— *Annyeonghaseyo* — dizemos em uníssono.

— Uh — *harabuji* diz, com sua voz grave. — São vocês, crianças?

— Sim — respondemos em coreano formal.

Não sei se isso é algo que só nosso *harabuji* faz, ou se é algo que todos os idosos coreanos fazem, mas sempre achei estranho que *harabuji* pergunta “São vocês?” enquanto olha diretamente para nós. Talvez seja porque estamos sempre falando pelo telefone e ele não consegue nos ver direito. O celular está tremendo na mão dele. Ele não parece o mesmo de sempre – seus olhos estão amarelados e sua pele tem uma palidez acinzentada.

Harabuji aponta para seu peito:

— *Nah-neun nu-gu-jee?* — ele pergunta “Quem sou eu?”.

— *Harabuji* — Tommy e eu dizemos em uníssono.

Uma expressão de surpresa e satisfação aparece no rosto de *harabuji*.

— *Orlchi!* — ele exclama.

Em coreano, *orlchi* significa “Isso mesmo!” ou “Esse é meu garoto/garota!”. É algo que se diz para crianças pequenas quando elas fazem alguma coisa precocemente, como carregar sozinhas uma cesta pesada de roupa escada abaixo.

Isso é o máximo que conseguimos dizer em nossas conversas com *harabuji*, provavelmente por causa da barreira linguística. É fofo que ele pareça feliz de verdade quando conseguimos identificá-lo corretamente como *harabuji*, mesmo que sejamos grandes demais para isso ser impressionante. Acho que ele sempre vai ver Tommy e eu como crianças de seis e cinco anos, as idades que tínhamos na única vez que o vimos pessoalmente, quando ele veio de Seul para cá.

Depois de nos despedirmos várias vezes, desligamos. Devolvo o celular para *umma*, que está lavando a louça na cozinha com *abba*.

*image
not
available*

privacidade.

Digito:

Posso.

Instantaneamente, uma melodia começa a tocar. É uma chamada de vídeo do KakaoTalk. Seguro o celular acima do rosto e respondo, torcendo para que Manager Kong não ache estranho eu estar estirada sobre o carpete. Ela aparece na tela, sentada no que parece uma sala de conferência bem-iluminada. Diferentemente de quando a vi pessoalmente, ela não está usando maquiagem e está vestida de modo casual, com uma camiseta preta e um boné.

— *Annyeonghaseyo* — digo, me esforçando para levantar a cabeça como uma reverência.

— Olá, Candace — ela responde em coreano. — É bom finalmente falar com você.

Não sei como responder. Consigo entender coreano porque é como *umma* e *abba* sempre falaram comigo, mas sou péssima em formar frases por conta própria — sempre respondi meus pais em inglês.

Então digo apenas “*Neh*”, que é um “sim” formal e serve como um termo coringa para completar todo tipo de frase.

— Fiquei impressionada com sua audição — a Manager Kong diz. — Você tem uma voz bastante única, pura.

— *Gamsamnida* — digo.

— Sua dança...

Dou uma risadinha sem graça.

— Ah, aquilo... Me desculpe — consigo dizer em coreano, com a voz trêmula.

Manager Kong sorri um pouco.

— Você não demonstrou nenhuma habilidade, mas apreciei seu esforço. Você mostrou seu charme.

Levanto a cabeça do chão em outra reverência.

— É claro, se você quiser debutar, vai precisar treinar bastante. Na S.A.Y., não procuramos jovens que já têm todas as qualidades de uma estrela. Procuramos jovens com potencial e os fazemos treinar,

*image
not
available*

Então por que você não levou sua audição da S.A.Y. a sério?

— E por que você ainda está tocando aquela maldita viola?

— Vocês não entendem — digo. — Vocês não conhecem a minha mãe.

— Na verdade, eu conheço, e ela é uma verdadeira santa — Imani diz.

— Ela tem uma edição de *Grito de Guerra da Mãe-Tigre* com todas as páginas marcadas! — digo, balançando os braços, sem paciência.

Imani levanta os braços, rendendo-se.

— Não vou discutir com você sobre esse assunto — ela diz. — Já te arrastei para aquela audição. Mas não sou a amiga negra coadjuvante de *ninguém*. — Ethan emite um “*uhummm*”, concordando. — Por outro lado — diz Imani, sorrindo —, se você decidir que quer tentar isso, tentar *de verdade*, vou te ajudar a convencer seus pais. Persuadir pessoas é meu superpoder.

— E pensa: se você for uma trainee na agência do SLK — diz Ethan —, você definitivamente vai conhecer o One.J!

Apesar das mensagens impacientes que estou recebendo da Manager Kong no KakaoTalk, é só depois do culto de domingo que resolvo falar com meus pais.

Preciso saber logo.

Uma oportunidade como essas não vai esperar para sempre.

Você tem ideia de quantos jovens na Coreia morreriam para estar no seu lugar?

Depois da igreja, quando eles já tiraram seus melhores trajes de domingo e vestiram suas roupas normais, costuma ser o momento em

*image
not
available*

Silêncio. *Abba* bate palmas, sem jeito. *Umma* está olhando para o lado com os braços cruzados. Tudo bem. Eu já esperava resistência.

— *Umma*. Parece que você tem algo a dizer.

Umma diz, ríspida:

— *Bae-jjae-ra*. — Só por cima do meu cadáver. — Isso é ridículo.

A frase que ela usa em coreano para dizer “ridículo” – *maldo andwae* – significa, literalmente, “essas palavras nem existem”.

Minhas bochechas estão queimando como carvão quente sob uma chapa de *galbi* escaldante.

— Por quê?! — grito. — O que é tão ridículo? Eu nunca te peço nada. Você nunca me deixou fazer o que eu quero de verdade e eu tiro notas boas e nunca reclamei.

— Você já reclamou bastante — *umma* responde.

— Por que Tommy pode ser quem ele quiser e ser uma estrela do esporte e você nunca disse nada? Eu tiro notas melhores. É por que ele é menino?

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — *umma* pergunta. Há urgência em sua voz. — Não é por isso. É porque os esportes podem ajudar Tommy a entrar em uma boa faculdade. Ajudar seu futuro.

— Talvez cantar possa me ajudar também! — grito.

Umma morde os lábios. Ela mexe a cabeça, tentando se acalmar.

— Pra ser sincera, Candace — ela diz, suave, mas firme —, você tem uma voz decente, mas é tão difícil se destacar como cantora. Você tem ideia de quantos cantores e artistas incríveis existem na Coreia? Você é uma menina tímida, e esses *idols* têm tanto carisma e autoconfiança...

Fico sem palavras, chocada. Nunca fiquei tão magoada.

Abba finalmente se levanta.

— Candace — ele diz em coreano —, preciso admitir, estou preocupado também. Já li umas coisas no jornal sobre essas agências. Tem tanta corrupção, e esses trainees são tão maltratados... tem **contratos abusivos**, já ouvi falar de assédio...

Mal ouço *abba*. A raiva que sinto de *umma* toma conta de mim.

— Você é o motivo de eu não ter autoconfiança — falo para ela, com a voz trêmula; nem sei se isso é verdade, mas parece real nesse momento. — Você tentou tirar de mim minha única paixão, a única

*image
not
available*

Ela abaixa a cabeça, triste. Eu me pergunto o que *umma* acha que é o seu “valor”. Quero dizer a ela que, apesar das coisas que gritei na noite anterior, seu valor não tem nada a ver com o que ela faz. Ela é a pessoa mais importante do mundo inteiro porque ela é a *umma*.

Ela bate na mesa. Seu rosto instantaneamente volta para sua expressão determinada de todo dia.

— O fato, Candace, é que virar uma cantora não vai ajudar o seu futuro. Como eu disse ontem, é diferente do beisebol de Tommy, que pode ajudá-lo a entrar em uma boa faculdade, o que vai ajudá-lo a conseguir um bom emprego. Seu *abba* e eu nos esforçamos pra que vocês possam fazer algo nobre e útil para os outros. É uma oportunidade que nunca tivemos.

Abba pigarreia. Há um sorriso triste e pensativo em seu rosto. Ele faz um carinho na mão de *umma*.

— *Yubboh* — ele diz. *Querida*. — Sabe, não é pra isso que nos esforçamos. Nos esforçamos pra que Tommy e Candace possam fazer o que os faz felizes de verdade. *Essa* é a oportunidade que nunca tivemos.

Mordo meus lábios para conter as lágrimas. Com uma mão, Tommy dá uns tapinhas no meu ombro, sem jeito, enquanto continua a se empanturrar com a outra.

— Candace, não chore — *umma* diz, séria. — Olhe pra mim. — Ela coloca os *jeotgarak* sobre o prato e procura meus olhos. — Essa é mesmo sua paixão?

Balanço a cabeça, concordando. Com o choro entalado na garganta, consigo colocar para fora o argumento que preparei:

— *Umma*, vai ser só durante o verão, por favor. A executiva da S.A.Y. disse que só faltam alguns meses para o *debut* do novo *girl group*. Aí, se eu não for escolhida, e claro que eu não vou ser...

— Você vai, sim — *umma* diz. — Se você for, é claro que eles vão te escolher. Quem é mais talentosa ou especial que você?

Por um segundo, fico totalmente abalada com esse voto inédito de confiança. Olho para *umma*, maravilhada.

Meu *abba* diz:

— Candace com certeza tem talento.

— Tá bom, tá bom, não vamos exagerar — Tommy diz.

— Mas, Candace — *abba* diz —, tem muita coisa que você não

*image
not
available*

De repente, desabo em lágrimas. Entre soluços, digo, em coreano:
— É tudo o que eu poderia querer.

Umma e *abba* ficam chocados com minha reação.

— Por que você está chorando? — *abba* pergunta.

— Estou chorando porque estou muito feliz — respondo, mesmo que não seja exatamente a verdade. Estou chorando porque não consigo acreditar que eles me deixaram fazer isso. Estou chorando porque não consigo acreditar que pensei que *umma* me impedia de cantar porque ela não me amava o suficiente.

Umma dá a volta na mesa e apoia minha cabeça contra seu corpo:

— Só queremos que nossa Candace seja feliz — ela diz.

Tenho um ataque de pânico por noite durante as três semanas seguintes pensando em tudo que minha família está sacrificando para que eu possa ir para a Coreia. Meus pais estão indo contra tudo que acreditam sobre criar filhos e revogando o sonho americano. Estou tão grata e ao mesmo tempo me sinto tão indigna que, na maioria das noites, choro até dormir. Não consigo deixar de pensar que um grande motivo para *umma* ter concordado com isso é poder cuidar do meu *harabuji* na Coreia. Não há nada de bom na doença de *harabuji*, mas a condição dele está, *sim*, contribuindo para que tudo isso pareça real. A culpa que vem com esse pensamento é demais para mim.

Estudo para minhas provas finais como nunca estudei antes e acabo gabaritando todas, até mesmo a de cálculo avançado, a prova que mais me preocupava. Tiro dez nas provas de biologia avançada e literatura. Faço horas extras na loja e até chego a praticar um pouco de viola.

Antes de viajar como voluntária para cavar latrinas no Paraguai durante o verão, Imani me ensina mais sobre a história do K-pop, falando sobre o começo da era moderna do hip-hop, com H.O.T. e S.E.S. e Shinhwa dos anos noventa. Pratico o máximo de coreano que consigo, assistindo a K-dramas com *umma* e *abba* depois do jantar quase todas as noites – antes disso tudo, eu não assistia a eles nem que me pagassem.

*image
not
available*

CAPÍTULO 7

Coreanos em todo canto

Já estamos há algumas horas em Seul e acho que meu cérebro vai explodir de sobrecarga sensorial. *Umma* parece estar igualmente extasiada – qualquer coisinha a faz arregalar os olhos, da ponte quilométrica que cruzamos de táxi para sair do aeroporto de Incheon ao majestoso horizonte que se estende a distância. Ela não para de repetir:

— A cidade está tão diferente da última vez que a vi.

Eu, por outro lado, não consigo superar o quão *coreano* tudo é. Coreanos, há coreanos em todo canto. A parte de Nova Jersey onde moro já é um dos lugares mais coreanos dos Estados Unidos, mas aqui, é tão estranho saber que, aonde quer que eu vá, não há chance alguma de eu ser uma minoria. Passamos pela região que, segundo *umma*, é Gangnam – da música do PSY! – e, para qualquer lugar que olhamos, há outdoors de mulheres perfeitas e sorridentes, em propagandas de maquiagem, marcas de roupas, *soju* e cirurgia plástica.

Então eu o vejo.

— *Umma*, olha! — digo, apontando para o céu.

Na lateral de um prédio, há um painel de LED enorme mostrando um comercial de One.J segurando uma bebida energética chamada Elektro Hydrate. O rosto dele deve ter uns trinta metros de altura. Ele dá um sorriso radiante que queima minhas retinas. Sinto que virei o iogurte mais cremoso e refrescante que existe. One.J não poderia ser mais perfeito.

— *Nah-lee ga nasseo* — *umma* diz, exausta. *Todo mundo é louco por ele.*

Vejo grupos de crianças em uniformes escolares, a maioria com o clássico corte de cabelo tigela dos estudantes coreanos, rindo e fofocando. Queria saber sobre o que eles estão falando. Talvez sobre

*image
not
available*

conseguimos olhar uma para a outra porque sabemos que podemos começar a chorar.

Em vez disso, encaro meu celular. Lá do Paraguai, Imani me mandou uma mensagem por KakaoTalk com um link para um artigo do Koreaboo. Ao que tudo indica, QueenGirl, meu *girl group* favorito, está envolvido em um escândalo enorme que está deixando os fãs de K-pop em surto: “ISEUL DO QUEENGIRL ADMITIU ESTAR NAMORANDO HYUNTAEK DO RUBIKON!”.

Respondo:

Ugh, e daíiii.

Durante todo o meu tempo acompanhando K-pop, uma coisa que nunca entendi é a obsessão dos fãs com namoro entre *idols* e por que isso sempre é considerado um escândalo, não importa o quão inocente a relação seja. Leio o artigo, que especula o futuro do QueenGirl e do RubiKon, uma *boy band* menos conhecida, dizendo que os grupos estão em risco. Até WooWee, a melhor vocalista, Center do QueenGirl e provavelmente a *idol* mais bonita do K-pop no momento, pode perder seu contrato – tudo porque sua colega de grupo Iseul e HyunTaek foram pegos de mãos dadas em público. São dois adultos ridiculamente atraentes e muito bem capazes de escolher por si próprios, e o QueenGirl está fazendo o maior sucesso agora. Qual é o problema?

Umma me traz de volta à realidade.

— Mesmo que eles não me deixem te ver durante o primeiro mês — ela diz — lembre-se de que eu estou a apenas uma viagem de metrô de distância. De qualquer forma, o primeiro mês vai passar voando. Você vai aprender tanto e fazer tantas novas amizades que nem vai sentir a minha falta.

Umma balança a cabeça firmemente. Sei que ela está tentando convencer mais a si mesma do que a mim.

Caminhamos até Sangam-dong. A sede da S.A.Y. não é difícil de encontrar. Eu já esperava um prédio moderno, mas não imaginava que seria um arranha-céu gigante, com vidros brilhantes, indo até a atmosfera, partindo do meio de um aglomerado de outros arranha-

*image
not
available*

CAPÍTULO 8

As unnies

Somos recebidas no nonagésimo oitavo andar pelo logo gigante da S.A.Y. e fotos enormes de cada membro do SLK, com o rosto perfeito de One.J brilhando no meio. Por um segundo, esqueço minha tristeza e nervosismo – é como se o olhar de One.J abaixasse a temperatura e me deixasse com um tremendo frio na barriga. A realidade de que estou entre os corredores sagrados que transformaram One.J no ser perfeito que ele é toma conta de mim.

Balanço a cabeça para me livrar do feitiço de One.J e corro para alcançar Manager Kong enquanto ela me guia para além dos escritórios e salas de conferência com paredes de vidro onde pessoas superdescoladas e bem-vestidas trabalham. O prédio é ridiculamente legal, o que eu não esperava – Imani me disse que mesmo alguns dos *idols* mais famosos treinavam em porões sujos. Manager Kong responde minha pergunta antes mesmo de eu ter a chance de falar.

— Somos parte da ShinBi Unlimited — ela diz —, e é por isso que estamos neste prédio incrível. Você tem muita sorte de ser uma trainee na S.A.Y. e não em outro lugar.

Ela explica também que a ShinBi Unlimited é dona de centenas de outras empresas: redes de TV, cadeias de supermercado, estúdios de cinema, linhas de eletrodomésticos e todo tipo de indústria, até mesmo mísseis e tanques para o exército coreano. Os escritórios e o centro de treinamento da S.A.Y. ocupam os três últimos andares da sede da ShinBi Unlimited porque, conforme ela me diz orgulhosamente, trainees são os bens mais preciosos da ShinBi – não porque o K-pop dá mais dinheiro, mas porque *idols*, especialmente o SLK, são a imagem da empresa, representando-a não apenas diante da Coreia, mas também de todo o planeta.

Meu corpo inteiro está formigando. Eu juro que achava que ser um *idol* era apenas cantar músicas chicle e parecer poderosa em

*image
not
available*

já vi. Elas se levantam apressadas e se curvam para cumprimentar Manager Kong.

— Garotas, prestem atenção — Manager Kong diz. — Deem boas-vindas para sua nova colega de time, Park Candace.

Faço uma reverência profunda, curvando meu corpo em noventa graus. Digo “*annyeonghaseyo*”, a palavra formal para “oi”.

A garota no canto mais distante, que parece um pouco uma personagem de desenho, me dá um sorriso brilhante. Ela está usando delineador forte e tem duas tranças volumosas com mechas em azul e rosa que parecem ter saído diretamente de um anime. A garota que está arrasando de batom e boné pretos com o inexplicável texto “POWER PUP”, levanta o queixo em minha direção; ela ocupa a cama de solteiro. E a mais bonita de todas, com longas mechas de cabelo tingidas com um tom delicado de ruivo-claro, mal olha para mim enquanto resmunga “*annyeong*”.

— Candace é sua *maknae*, sua irmã mais nova, e ela tem muito a aprender com vocês. Sei que vocês provavelmente estão pensando nela como sua nova concorrente, mas se forem boas *unnies* pra ela, isso vai apenas refletir suas qualidades. Entendido?

— Sim, Manager Kong — as garotas respondem em uníssono.

Manager Kong olha ao redor do quarto:

— Onde está Aram?

— Ela está no meio da rotina de beleza dela — a garota com boné responde, sorrindo e revirando os olhos, apontando a cabeça na direção de uma porta nos fundos do quarto.

Manager Kong revira os olhos também e diz:

— Claro que está. Enfim, estejam na sala de treino 24 em dez minutos. Sejam gentis com Candace. E, *jebal*, arrumem este quarto!

E assim, Manager Kong me deixa sozinha com minhas novas *unnies*. Eu me sinto tão intimidada que tenho medo de me mexer.

— Aquela é a sua cama — diz a garota de boné, apontando para a parte de cima do beliche da princesa ruiva. Jamais imaginaria que aquela cama estava livre, já que está cheia de tralhas.

Eu me curvo para ela. É estranho me curvar diante de garotas que são só um pouco mais velhas do que eu. Nos Estados Unidos, só uso linguagem formal com coreanos da idade dos meus pais e, mesmo assim, eles não se incomodam se minhas reverências não forem

*image
not
available*

Binna finalmente vem até mim e empurra as coisas de Helena para fora da minha cama.

— Ei! — Helena diz.

Coloco minha mala gigante sobre a cama. Eu me sinto tão grata por Binna que poderia chorar.

*image
not
available*

(*jondaetmal*) ou informal (*banmal*) e como te tratar de forma geral.

— Ah, então você é a *maknae* dessa mesa! — BowHee exclama, rindo. Para uma pessoa tão pequena, sua voz é surpreendentemente grave e alta. Por algum motivo, consigo imaginá-la chutando garotos na canela no parquinho de uma escola.

A última garota faz uma reverência silenciosa para mim. Ela tem um cabelo tigela, óculos grossos e me lembra uma tartaruga fofinha de desenho – ela não se parece nem um pouco com uma *idol*, o que me faz gostar dela logo de cara.

— Essa é a RaLa! — BowHee diz. — Ela é do Time 6 e nunca diz nada!

Através do Vidro do Gênero, vejo os garotos comendo em sua metade idêntica do refeitório, exceto pelo fato de que seu café da manhã parece bem melhor que o nosso: mingau, ovos mexidos e linguiça – mesmo que suas porções sejam pequenas também. Por um instante, meus olhos encontram os de um garoto superfofo, mais alto do que todos os outros a seu redor. Nem todos aqui se parecem com *idols* ainda, mas esse definitivamente parece. Posso estar errada, mas ele balança a cabeça em minha direção.

Rapidamente olho de volta para minha batata-doce, pensando em Iseul e HyunTaek – suas carreiras promissoras em risco só por terem sido flagrados de mãos dadas.

Pergunto a Binna por que diabos a parede é transparente – por que nos expor à tentação, nos deixando ver os garotos, mas nos proibindo de falar com eles? Binna dá de ombros e diz que provavelmente é porque a agência pensa que as garotas vão comer menos se os garotos estiverem olhando.

Penso em como isso é errado. Mas não tenho dúvidas de que Binna está certa.

Vejo Helena e Aram em uma mesa com as garotas que, suponho, são as mais bonitas dos outros times.

— Aquelas são as Poderosas? — pergunto.

Todas as garotas na minha mesa riem. Graças a Deus elas já viram *Meninas malvadas*.

— Nós as chamamos de “Mesa das Visuais” — JinJoo diz, escondendo o riso atrás das mãos.

Pisco, confusa. Então lembro que Imani me explicou que todo

*image
not
available*

estudou, o que você diria? — (Helena responde em coreano perfeito e polido que fez o ensino fundamental em uma ensolarada escola particular perto do oceano.) Depois, a professora pergunta a YoungBae: — Se eu fosse uma fã que pergunta qual foi seu primeiro emprego, como você responderia? — (“Bom, querida fã, primeiramente muito obrigado por ser uma fã. Não há nada que eu ame mais que meus fãs’. Depois eu diria que trabalhei em um cinema. ‘A melhor parte do trabalho foi poder assistir a *Velozes e furiosos 8* dezesseis vezes em um verão’.”)

Sendo bem sincera, eu não sabia a palavra para “cinema” até que YoungBae a usou em contexto com seu sotaque americano, que é tão forte quanto o meu. Anoto não só o novo vocabulário, mas também, por alguma razão, escrevo “YoungBae ♥♥♥♥♥♥♥♥♥♥ *Velozes e furiosos*” e sublinho.

— Candace, sou a apresentadora de um programa de variedades que pergunta onde seus pais trabalham — diz a professora Lee. — O que você diz?

Congelo. Vasculho meu cérebro à procura da palavra para “loja de conveniência” — obviamente já ouvi *umma* e *abba* a dizerem milhares de vezes, mas não consigo lembrar.

— Eles são donos de um lugar que vende coisas — respondo, como uma criança de três anos. — Um lugar que vende coisas e também vende *bubble tea*.

— *Daebak* — exclama YoungBae —, eu amo *bubble tea*.

As seis horas de aula passam surpreendentemente rápido. Depois das primeiras duas horas, Helena e alguns dos trainees mais fluentes saem para praticar. Na última hora, YoungBae e eu, os menos avançados, ficamos sozinhos na sala.

Nos últimos quinze minutos, a professora Lee nos deixa bater papo em coreano, já que nós provavelmente temos “muito sobre o que conversar” porque somos ambos dos Estados Unidos. Nós a encaramos, incrédulos; tanta interação assim entre um garoto e uma garota definitivamente não é permitido. Mas ela apenas aponta para o próprio olho, depois para a porta.

E neste instante decido que a professora Lee é minha adulta favorita na S.A.Y.

*image
not
available*

Sinto gotas de suor frio escorrendo pelas minhas axilas. Com exceção da minha audição, nunca cantei na frente de estranhos. Além disso, estou acostumada a cantar só um pouco mais alto que um sussurro no meu quarto; com uma música da Ariana, ou você canta no volume máximo ou não canta. Eu me levanto, escondendo minhas mãos trêmulas atrás das costas. *Lá vai.* Fecho os olhos e solto uma música que já ouvi milhares de vezes, mas nunca cheguei a cantar.

Abro meus olhos e vejo todas boquiabertas. Binna, JinJoo e até mesmo Aram aplaudem lentamente. Helena parece mais furiosa do que nunca.

— *Daebak*, é por isso que eu te escolhi, Candace — Manager Kong comenta, fazendo um sinal de positivo.

Uma explosão de emojis com olhos de coração detona em meu cérebro enquanto volto para meu lugar. Manager Kong distribui as outras posições no quadro branco.

JinJoo: Center, vocalista principal, dançarina de apoio

Binna: Líder, dançarina principal, rapper principal, vocalista de apoio 3

Helena: Dançarina líder, rapper líder, vocalista de apoio 1

Aram: Vocalista de apoio 2, Dançarina de apoio

Candace: Vocalista Líder, Dançarina de apoio

Não consigo nem descrever minha euforia em palavras quando vejo meu nome no quadro com posições definidas – lembro a mim mesma que “principal” está acima de “líder” na linguagem do K-pop, o que é super confuso, mas, mesmo assim, fazer parte de um grupo real é emocionante. Deve ser assim que Tommy se sente como jogador de um time esportivo.

Meu entusiasmo desaparece logo, porque Manager Kong diz que devemos focar em montar a coreografia antes de adicionar as vozes.

A música sai pelas caixas de som e Binna tenta fazer alguns passos de dança na frente do espelho, improvisando uma coreografia. O resto das garotas fica atrás e tenta copiar o que ela está fazendo, o que parece impossível para mim. Não consigo acreditar que ela está criando uma coreografia tão incrível na hora. Depois de ouvir a

*image
not
available*

Há várias outras coisinhas que me deixam abismada. Não temos absorventes internos, só externos (quando eu pergunto para uma das aprendizes de manager, SeoHyun-*unnie*, se não temos absorventes internos, ela olha para mim como se eu tivesse pedido um preservativo ou coisa do tipo). Além disso, os interruptores ficam do lado de fora do banheiro. Alguém sempre desliga a luz quando estou lá dentro; suspeito que seja Helena, implicando comigo sem motivo.

Outra coisa estranha: sempre que subo na minha cama para dormir, encontro lixo no meu travesseiro. Cascas de banana, miolos de maçã, embalagens de absorvente. Deve ser algum tipo cruel de trote coreano. Meu beliche fica bem do lado do banheiro, então dá mais trabalho subir na minha cama do que simplesmente jogar tudo na lata de lixo. Mais uma vez, Helena é minha principal suspeita.

Estou tão estressada que, mesmo sabendo que meu estômago está vazio, nem sinto minha barriga doer de fome. Nossas refeições do dia a dia são:

Café da manhã: ovos cozidos, batata-doce.

Almoço: salada sem molho, iogurte grego.

Jantar: bolinhos de peixe, sopa de rabanete, arroz negro.

Sobremesa: fruta à escolha.

As garotas podem pegar *uma* fruta do refeitório depois do jantar como sobremesa – uma maçã, uma tangerina ou uma banana. Fazemos uma fila de acordo com a idade, então sempre sou uma das últimas. Como as bananas são as frutas que dão a maior sensação de saciedade, são as mais populares e, quando chega a minha vez, já acabaram. Geralmente tenho que me contentar com uma pequena tangerina, que chupo em segundos assim que chego no quarto. Depois jogo a casca na lata de lixo, como uma pessoa civilizada.

Os ensaios de dança não melhoram nem um pouco. Manager Kong continua repetindo “A coisa vai ficar feia, Candace” sempre que me vê errar um passo. Em certo momento, Binna precisa continuar ajudando as outras garotas a aprenderem a coreografia completa, enquanto eu simplesmente fico parada no canto da sala, sabendo que não tenho a mínima condição de acompanhá-las. De vez em quando, Binna vem ver como estou, levantando o punho e

*image
not
available*

eles estão secos. Helena sorri maliciosamente. Aram tenta segurar uma risada.

Quando os garotos saem da sala de treino, nos cumprimentamos com uma reverência.

Eles sussurram desculpas por estarem tão suados.

— Oi, Candace-shi — YoungBae diz, usando linguagem formal.

Minhas bochechas estão queimando e não ousou encará-lo.

— Meninas, vamos começar. Rápido! — a General grita, batendo as palmas.

A sala de treinamento ainda cheira a suor de garoto, mas é bem mais requintada que as salas do outro andar. O ambiente tem um pé-direito de nove metros e fotos gigantes na parede das maiores estrelas da S.A.Y., o MegaloMaxx, um duo de hip-hop; e JinKo, um cantor solo de músicas românticas superfamoso que meus pais amam. As únicas mulheres são atrizes de primeira linha da divisão de televisão da S.A.Y., incluindo Jeon DanHee, a estrela de um K-drama superpopular chamado *My Spiky Pearl*, que eu achei na Netflix antes de vir para Seul. É sobre uma mulher do interior sem papas na língua que se casa com o membro de uma família rígida dona de um *chaebol*. Superfofo.

Obviamente, o SLK ocupa a maior parte da parede, maravilhosos como sempre. O rosto de One.J é maior do que três de mim. Em minha mente, peço desculpas a ele antecipadamente porque sei que logo mais vou estar que nem uma palhaça em sua presença.

— Venham cá, meninas — a General ordena. Ela realmente parece um sargento, com sua regata preta, cinto cravejado e postura militar. — Como sabem, a data do *debut* está próxima. CEO Sang vai escolher cinco garotas dentre as cinquenta trainees. É hora de pegar firme nos treinos. Até agora, só estávamos brincando.

Olho para minhas colegas de time, seus olhos brilhando com determinação. Eu duvido muito que elas estivessem brincando.

A General nos conta que nossa próxima avaliação mensal não vai ser realizada na tradicional sala de conferências principal, e sim no estúdio do *Popular 10*, no terceiro andar. As garotas dão um suspiro de espanto; *Popular 10* é um Music Show de um dos canais da ShinBi, YNN. Ele exhibe os dez MVs mais populares de cada semana e várias apresentações ao vivo. Depois, ela diz que, além dos outros

*image
not
available*

energia alguma?

Enquanto ela está bem perto de mim, sussurro:

— Desculpa falar sobre isso, mas estou com cólicas daqueles dias do mês...

Não é mentira. *Umma* me ensinou exatamente como dizer isso em coreano para o caso de eu precisar que um professor pegue leve comigo.

Mas essa é a professora errada para usar essa tática.

— EU TAMBÉM, GAROTA! — a General grita bem na minha cara. — VOCÊ ACHA QUE *IDOLS* NUNCA ESTÃO NAQUELES DIAS DO MÊS DURANTE OS *COMEBACKS*?! NUNCA MAIS USE ESSA DESCULPA COMIGO. E NÃO FIQUE TÃO SURPRESA DE SABER QUE EU AINDA PASSO POR ISSO. AINDA SOU UMA MULHER JOVEM.

Helena e Aram riem baixinho por trás das mãos.

“Into The New World” toca mais dez vezes e, a cada vez que a música para, fujo da bola e levo uma bronca da General. Na única vez em que não desvio rápido o suficiente, a bola me atinge diretamente nas costelas. Todo o ar sai dos meus pulmões e desabo no chão, sufocando e tossindo. A General para a música. Todas se reúnem ao meu redor.

— Você está bem? — Binna pergunta.

Pisco diante dos rostos acima de mim. Uma gota do suor de alguém cai no meu rosto. Estou vendo pontinhos, minhas pernas estão queimando e estou com falta de ar.

— Estão vendo isso, meninas? Venham cá — a General diz para Helena e Aram. — É isso que acontece quando o espírito de uma garota comum sai do corpo, abrindo espaço para o espírito de uma *idol*. É uma visão patética, não é?

— É sim, sra. Yoon — Helena diz.

Ah, cala a boca, Helena! é o que eu diria se tivesse ar nos pulmões.

A General continua:

— É um processo doloroso. Que Candace seja um exemplo do quanto vocês já mudaram e do quanto ainda precisam crescer.

Enquanto levanto, eu me pergunto: “é isso que Manager Kong quis dizer quando falou que fui recrutada para motivar as outras garotas? Será que sou um exemplo de como elas eram fracas e de tudo que elas *não* devem ser se quiserem ser *idols*?”.

*image
not
available*

horas sozinha. O que eu realmente queria perguntar para ela, como outra trainee estrangeira, é: “Quando fica mais fácil?”.

Quando acordo, são quatro da manhã de domingo. Como é possível eu ter dormido tanto tempo? Durante todo o caos da minha primeira semana, esqueci que ainda estou sofrendo com o *jet lag*. Passei uma semana inteira sem dormir direito. Quando meus pés tocam o chão, de repente as dores da semana toda me atingem de uma só vez. Meus tornozelos e joelhos estão ardendo. Minhas pernas e braços estão tão rígidos que mal consigo movê-los o suficiente para andar. Minha cabeça está explodindo.

A metade do refeitório das garotas está vazia, exceto por JiHoon, Helena e Luciana, da aula de coreano. A maior parte das luzes nem está ligada. Quando me aproximo da mesa de Helena e Luciana, os olhos de Helena brilham como um par de adagas, então faço um desvio e levo minha bandeja de arroz, salada e quatro bolinhos de peixe frios até uma mesa vazia, bem ao lado do Vidro do Gênero. Sentada no refeitório escuro e frio, um vazio toma conta de mim. Será que vou sobreviver a um verão inteiro assim?

É aí que YoungBae coloca sua bandeja sobre uma mesa a poucos centímetros de mim. Cumprimentamos um ao outro com um aceno de cabeça, mas nada mais. Olho fixamente para a frente, mas praticamente consigo sentir o calor do seu corpo através do Vidro do Gênero que nos separa. Ficamos sentados lá o máximo que podemos – fico feliz só de poder vê-lo pelo canto dos olhos. Bem quando estou me levantando com minha bandeja, YoungBae subitamente pressiona sua boca contra o vidro, infla as bochechas como um baiacu e revira os olhos.

Caio na gargalhada. Ele é tão idiota e fofo – superconsigo imaginá-lo como aquela criança brincalhona que pressiona a boca contra os tanques de água na excursão da escola ao aquário. Mas JiHoon precisa vir correndo para estragar o momento. Ele dá uma batida no vidro no lugar onde a boca de YoungBae está e grita:

— Pare com isso, *imma!*

Superconsigo imaginá-lo como o valentão da escola que bate nos

*image
not
available*

CAPÍTULO 13

Comendo bolinhos de arroz deitada

— **Vamos direto ao ponto:** você não tem talento algum pra dança, e nunca terá — Binna diz, olhando dentro de meus olhos com as mãos sobre os meus ombros.

Cruel, Binna.

— Uau, obrigada. A General já deixou isso bem claro.

Estamos em uma das salas de treino menores para nossa primeira aula particular de dança. Este lugar mal tem espaço para duas pessoas dançarem sem atingir o rosto uma da outra.

— Não, Candace, estou falando como amiga. O que eu quero dizer é: não posso te dar o talento, mas posso te ajudar a desenvolver algumas habilidades. Habilidades nunca vão te deixar na mão.

Concordo com a cabeça, mas tenho minhas dúvidas. Muitos já tentaram me ensinar habilidades de viola e falharam; por que isso seria diferente?

— Segunda coisa. Se é pra eu realmente te ajudar, você não pode ter medo de parecer ridícula na minha frente. Dá pra perceber que é disso que você tem medo quando estamos dançando com o grupo. Sei que nós não nos conhecemos há muito tempo, mas, se vamos debutar juntas, precisamos avançar na nossa amizade. Você pode até usar *banmal* comigo, se isso ajudar.

Fico boquiaberta. Aprendi que, para os coreanos, é um grande passo receber permissão para usar *banmal* com um amigo mais velho.

— *Unnie*, nem sei como...

— Certo, tudo bem, só me promete que vai confiar em mim como uma amiga — Binna diz, oferecendo o mindinho.

Entrelaço meu mindinho com o dela.

— Prometo.

Binna coloca “Problem” no sistema de som, que tem todas as cinquenta músicas aprovadas pela S.A.Y. pré-carregadas. Passei a odiar

*image
not
available*

aparição pública como *idol* — ela começa, e levo um segundo para perceber que ela está falando comigo de novo —, você está representando não apenas a si mesma, mas também a esperança do povo coreano. Você é a manifestação do melhor que esse país pode produzir. — Ela tira os olhos do computador e me olha cuidadosamente dos pés à cabeça. — Você precisa se dedicar mais à sua aparência. Não estamos nos Estados Unidos, onde você pode andar por aí toda desleixada. Manter a sua melhor aparência é um sinal de respeito e caráter, entendeu?

— Sim, madame Jung — respondo, com a voz levemente trêmula. Madame Jung tira uma sacola debaixo de sua mesa.

— Felizmente, sua pele é naturalmente bem clara, mas um *idol* deve ter uma pele branca, o mais próximo do ideal possível. — Ela tateia o interior da sacola e tira de lá um elegante tubo branco que me faz pensar em Gwyneth Paltrow. — Da próxima vez que você vier, use essa combinação de BB cream e base. Cosméticos coreanos são os melhores do mundo, não acha?

— Sim, madame Jung — digo, me lembrando de todos os tutoriais de dez passos de K-beauty que vi no YouTube com Imani e Ethan.

— Este produto é bastante requintado — madame Jung continua, orgulhosa. — É fabricado pela linha de cosméticos da ShinBi, GlowSong. É maquiagem e tratamento para a pele em um produto só. É tão eficiente que não preciso mais usar nenhuma outra maquiagem. O que você acha disso?

Fico boquiaberta. O que eu estou realmente pensando é “Senhora, seu pescoço é no mínimo três tons da Fenty mais escuro que seu rosto. Sem maquiagem, é? Hm... dá para perceber”. Em vez disso, consigo murmurar:

— É incrível, madame Jung.

Com um sorriso satisfeito, madame Jung estende o tubo em minha direção. Eu me inclino para recebê-lo com uma reverência, mas ela o arranca de volta.

— Ora, tenha modos. Na Coreia, recebemos presentes com as duas mãos.

— Desculpe-me, madame Jung — murmuro, enquanto me levanto para receber o tubo com as duas mãos. Mas então ela o arranca novamente.

*image
not
available*

mas nesse momento me pergunto se ela está amaldiçoando o dia em que pisei na sede da S.A.Y.

Ao lado dela, Helena me encara com tanta intensidade que parece estar tentando fazer minha cabeça explodir com sua mente.

Mesmo que ela seja assustadora, eu me forço a encará-la de volta até que ela desvie o olhar primeiro.

*image
not
available*

CAPÍTULO 16

Pepero

Na última hora da aula de coreano, estamos só eu e YoungBae na frente da sala depois que todos os alunos mais avançados já saíram. A professora Lee está ensinando como devemos falar com o CEO Sang na nossa avaliação.

— Vocês dois são os que mais me preocupam em termos de se envolverem em um *sago*.

Sempre achei que *sago* significasse “acidente de carro”, mas, pelo visto, também significa “passar por um momento constrangedor em público”. Não deixa de ser um tipo de acidente, eu acho.

A professora Lee nos diz que, em caso de dúvida, devemos falar com o CEO Sang usando estrutura frasal indireta. É uma forma humilde e super-respeitosa de falar. Se ele por acaso me elogiar, não devo simplesmente dizer “Me esforcei bastante e estou orgulhosa de mim mesma”. Ela faz um X com seus antebraços.

— Não digam isso. Kanye West pode até falar coisas desse tipo nos Estados Unidos, mas, na Coreia, nossos *idols* diriam algo como “Parece que talvez eu tenha mesmo me esforçado bastante, e parece que estou feliz que nossa apresentação pareça ter sido boa”.

Minha caneta está deslizando sobre as linhas do caderno. Meus olhos se voltam para YoungBae. Pelo amor de Deus, como ele é lindo. Seus olhos estão inchados, mas isso só faz ele parecer mais devastador, e aquela mecha de cabelo na testa dele sempre acaba comigo. Enquanto a professora Lee está escrevendo frases no quadro, YoungBae tira uma caixa do bolso de seus jeans.

É uma caixa vermelha de Pepero, um doce popular coreano que vendemos na loja da minha família. São longos biscoitos em forma de palito mergulhados em chocolate. *Deliciosos*. Como foi que YoungBae conseguiu uma caixa deles?

Com os olhos ainda nas costas da professora Lee, ele estica seu

*image
not
available*

CAPÍTULO 17

Mãos educadas

Às cinco para a meia-noite, checo o corredor das salas de treino para ter certeza de que o caminho está livre. Como sempre, Helena está treinando em uma delas, mas ela está ocupada demais praticando expressões faciais – piscando e fazendo biquinho em frente ao espelho – para perceber eu me esgueirando por aí. Dou uma olhada para atrás de mim para ter certeza de que JiHoon não está espreitando os corredores como um capanga de *Missão impossível*.

Essa é a *última* coisa que eu deveria estar fazendo em uma noite tão perto da avaliação. Se eu for pega, acabou para mim. Mas, por alguma razão, *não* ver YoungBae não é uma opção. Prendo a respiração e subo a escada que vai até o terraço. Minhas mãos estão suadas quando as coloco dentro das minhas roupas de baixo para pegar o crachá – que não coloquei no bolso das calças para o caso de eu encontrar um aprendiz de manager no corredor e ele me mandar revirar os bolsos ou algo do tipo... o que literalmente nunca aconteceu, mas esse lugar deixa qualquer um paranoico.

Aproximo o crachá do scanner, ainda prendendo a respiração. A porta se abre com um clique. Lá fora, no ar abafado da noite, espero um alarme alertar todos os guardas no prédio inteiro, e eles virão atrás de mim com lanternas e armas de eletrochoque. Mas, sem dezenas de garotas conversando, o jardim tem uma atmosfera misteriosa e está quase todo escuro – só vejo sombras projetadas pelas luzes da cidade abaixo de nós. Tudo o que ouço é o zumbido distante do trânsito.

Fico olhando a porta de metal enferrujado no meio do Muro do Gênero de concreto. Está quente aqui fora, mas estou tão nervosa que, na verdade, sinto um pouco de frio. Eu poderia ser descoberta por um aprendiz de manager ou por um segurança a qualquer momento.

*image
not
available*

mas acho fofo que ele esteja tentando. Com seus ombros largos, ele parece um X gigante.

— Ele também me ensinou uma coisa chamada Mãos Educadas.

— Ah, eu sei tudo sobre Mãos Educadas — digo.

Já vi fotos de *idols* homens posando com fãs mulheres em **Fansigns**. Eles colocam seus braços ao redor das garotas, mas não as tocam de fato — suas mãos apenas pairam alguns centímetros sobre os ombros delas, ou sobre suas costas se eles estiverem “se abraçando”.

— Isso não é quase mais rude do que apenas tocar alguém? — digo. — É como se você achasse que garotas são radioativas ou algo do tipo.

— É, tem muita coisa que eu não entendo sobre etiqueta coreana — YoungBae concorda.

Ele abre mais as pernas. Suas Pernas Educadas ficam ainda mais educadas, e agora estamos quase da mesma altura. Assim que me concentro olhando para o rosto dele, devo ser atraída por uma força gravitacional vinda de seus lábios ou algo assim, porque me inclino para a frente — eu juro, é totalmente por acidente. Antes que meus lábios possam tocar os dele, ele me pega e ri:

— Você está bem?

— Sim — digo, levando as mãos à cabeça. Estou um pouco tonta.

— Acho que só estou com fome.

Ele ainda está parado com as Pernas Educadas, mas colocou um braço ao redor das minhas costas e uma mão sobre o meu ombro. Minha mão está repousada sobre seu peito; ele não se moveu nem um pouco depois que caí em cima dele — se manteve completamente firme. É tão bom.

Ele sorri e nós fazemos contato visual por um longo segundo. Seus olhos estão virando uma daquelas adoráveis linhas retas. Mas então ele subitamente me empurra de volta para uma posição normal e levanta as palmas para o ar.

— Ah, esqueci minhas Mãos Educadas. Mãos Educadas!

Nós rimos, mas, por dentro, penso que não vou me importar se ele resolver usar Mãos Mal-educadas da próxima vez. Ou Lábios Mal-educados.

Ou talvez seja minha vez de deixar a etiqueta de lado.

*image
not
available*

e sedutor. RaLa, do Time 6, arrasa no rap de “Up & Down” do EXID – agora entendo por que ela está aqui.

Será que sou capaz de fazer o que essas garotas estão fazendo? Estou fascinada pelo talento. Nervosa, mas entusiasmada.

Depois que os grupos se apresentam, o CEO Sang chama cada integrante do time para subir ao palco sozinha e ser avaliada na frente de todos. Eu logo percebo que ele é brutal, mais ou menos como o Simon Cowell, do *The X Factor*, só que depois de muito esteroide. Ele não fala apenas das habilidades das trainees (“SooJung, se eu tivesse pagado para ver seu show, eu não apenas pediria meu dinheiro de volta, como entraria com um processo por danos morais”), mas também faz comentários cruéis sobre a aparência das garotas, o que me deixa completamente horrorizada (“MunHee, você comeu alguma coisa salgada noite passada? Por que seu rosto está tão inchado?”). Ele faz algumas garotas subirem em uma balança, que exibe seu peso exato na tela grande para que todos possam ver. Inclusive o SLK. Esse processo todo leva horas – alguns dos garotos, sabendo que ainda falta muito tempo para se apresentarem, pegam no sono –, mas minha revolta me mantém tão acordada quanto uma lata de Red Bull cheio de açúcar.

Fecho as mãos com força enquanto uma dezena de defeitos que ele pode apontar no meu corpo rodeiam meu cérebro, roubando o foco que eu deveria dedicar à coreografia.

Antes que o Time 3 suba ao palco para apresentar “Abracadabra”, do Brown Eyed Girls, Manager Kong nos chama para irmos com ela até os bastidores para nos prepararmos. No camarim, Aram retoca a maquiagem. JinJoo aquece a voz. Binna e Helena se alongam.

De repente, a realidade insana do que estou tentando fazer me atinge de uma só vez. Nunca dancei na frente de uma plateia de verdade antes. Nunca me apresentei na frente de um assustador CEO coreano. E eu *definitivamente* nunca me apresentei na frente da *boy band* mais popular do mundo.

Caminho até Binna e a puxo pelo pulso:

— Binna — sussurro, preocupada. — Vou fazer alguma coisa errada. Tenho certeza. Vou estragar tudo.

Ela me agarra pelos ombros e me olha diretamente nos olhos:

— Não, você não vai — ela diz.

*image
not
available*

— Você foi tão bem, Candace — ela diz, ofegante, enquanto suamos uma sobre a outra.

— Uau! — o CEO Sang diz. — É isso aqui que eu estava esperando!

Nós cinco nos curvamos profusamente e dizemos em uníssono:

— Obrigada, CEO Sang!

— O que as managers têm dito talvez seja mesmo verdade. Talvez eu deva simplesmente debutar o Time 2 e acabar logo com isso.

Ao ouvir isso, nós cinco gritamos e pulamos, abraçando umas às outras mais uma vez. Ouvimos um grunhido das outras trainees e um “uaau” coletivo dos garotos pelo estúdio.

— Me parece que — CEO Sang diz, checando suas anotações —, que... Candace, é isso mesmo?

Balanço a cabeça tão violentamente que meu pescoço dói.

— Park Candace, de Nova Jersey. Nova Jersey de Tony Soprano.

Não tenho absolutamente nada para dizer em resposta, então faço mais uma reverência e digo:

— Sim, senhor.

CEO Sang continua:

— Eu não sabia se trazer uma americana a essa altura do campeonato seria uma boa ideia, mas... todas menos Candace, por favor saiam do palco por enquanto.

Então minha avaliação individual começa. Piso no centro do palco enquanto as outras quatro voltam para a coxia.

— Você tem uma voz bastante impressionante — ele diz.

Faço uma reverência profunda.

— *Gamsamnida*. Parece que talvez eu tenha me esforçado bastante e parece que estou feliz que nosso *stage* pareça ter sido bom.

O CEO Sang balança a cabeça.

— Sua pronúncia é o.k., mas tem muito o que melhorar. Fãs coreanos têm muito orgulho da nossa língua e esperam que até mesmo *idols gyopo* falem corretamente.

Eu me curvo novamente.

— Parece que devo me esforçar ainda mais — digo.

— Ótimo. Agora vamos falar sobre sua performance, Candace-*shi*.

Ele diz que meu canto é excelente — forte, moderno e perfeito

para gravar.

— Entretanto — ele diz —, suas habilidades em dança ainda deixam muito a desejar. Você estava desalinhada e fora de sincronia. Mesmo assim, não consegui tirar meus olhos de você. Gostei bastante do seu... passo do saxofone. — Há risos calorosos da plateia. — E aquele passo interessante que você fez bem no final, quando você caiu no chão, eu nunca vi meus *idols* ou trainees fazerem isso. Esse passo foi aprovado pela senhora Yoon?

Faço que não com a cabeça, mantendo os olhos fixos no chão. Mas, quando eu olho para cima, para minha surpresa, CEO Sang está fazendo um sinal de positivo.

— Seu passo me fez lembrar de um artista americano — ele diz. — O modo como você estava disposta a sentir a música e ser espontânea no palco. Ainda assim, quero ver você melhorar nas habilidades básicas da próxima vez.

Mesmo que horas atrás eu tenha decidido que o CEO Sang era um monstro misógino, a aprovação dele tem um efeito mágico sobre mim.

— Agora, vamos falar do seu Visual. Você tem um rosto bem fofo. Perto de suas colegas Aram e Helena, você definitivamente não é do tipo “deusa” do K-pop, mas tem uma aparência alegre e saudável. Consigo imaginar sendo popular com os fãs mais novos.

Eu daria qualquer coisa para ele parar de falar da minha aparência. Que situação mais constrangedora.

— Mas acho que você consegue alcançar um outro patamar. Você quer ser apenas fofa, ou quer ser um ícone fashion como a Jennie, do Blackpink? Ou uma boneca viva como a Wonyoung, do IZ*ONE? Ou uma rainha dos **CFS** como a Irene, do Red Velvet? Acho que você deveria fazer plástica no nariz.

Minha cabeça balança por conta própria.

— *Bae-jjae-ra* — digo, abruptamente.

Sinto o oxigênio sair do auditório enquanto todos soltam um suspiro de espanto. Cubro a boca com as mãos.

Devo ter perdido a noção. Eu disse mesmo isso em voz alta. Acabei de dizer para ele abrir meu estômago – *só por cima do meu cadáver*. Além disso, eu definitivamente não usei *jondaetmal*. Com o CEO! Minha carreira no K-pop acabou.

— O que você acabou de me dizer? — ele pergunta, sério.

Eu me curvo várias e várias vezes.

— Sinto muito, muito mesmo. Mil desculpas. Simplesmente escapou.

CEO Sang me surpreende ao sorrir – mas, dessa vez, é um sorriso frio como gelo:

— Mesmo assim, imagino que o sentimento seja verdadeiro. Você não quer fazer plástica no nariz? Mesmo que eu pague o procedimento? Mesmo que isso leve seu Visual para outro nível?

— Sendo sincera, senhor, não — balbucio, encarando o chão.

— E por que isso, Candace-shi? É porque você acha que seu aspecto Visual é perfeito como está?

— Não é isso, senhor — digo. — É só que... quero continuar parecida com meu *abba*.

Um tsunami de risadas me atinge de todas as direções. Não tenho ideia do que tem de tão engraçado no que eu disse.

Mas então me ocorre que, com meu coreano imperfeito, eu posso ter acidentalmente dado a entender que eu me importo tão pouco com minha aparência que não me incomodo de parecer um *ajusshi* – um homem de meia-idade. Abro a boca para explicar o que quis dizer, mas percebo que ainda não tenho o vocabulário para me expressar.

O que eu realmente quero dizer é que eu tenho o nariz de *abba* – é o que todos dizem. Quando éramos pequenos, Tommy costumava me chamar de “nariz de batata”. Eu odiava meu nariz e, para ser sincera, ainda não o amo. Já sonhei transformá-lo em um nariz perfeito, refinado e delicado como o de Natalie Portman. Mas agora, percebi que jamais vou fazer isso – não para agradar um CEO qualquer, não para fazer parte de um *girl group hypado*, não para fazer YoungBae ou mesmo One.J se apaixonarem por mim. Toda vez que me olho no espelho, vejo o nariz de *abba*. Quando sorrio ou rio, meu nariz fica mais largo, assim como o de *abba*. O rosto grande de *abba* parece transmitir uma mensagem mais ou menos como “Não vou te julgar. Você já é exatamente como deve ser”. Por acaso existe honra maior nessa vida do que ter um pouco dessa qualidade dele bem no meio do meu rosto?

— Você realmente tem um espírito americano — CEO Sang diz

—, mas precisa aprender mais do respeito coreano, Candace-*shi*.

Eu me curvo e peço desculpas várias e várias vezes.

— Mas, por enquanto, continue mais um pouco com sua franqueza americana, porque tenho uma pergunta importante para você. Como a mais nova integrante do melhor time da agência, quais são suas impressões das suas colegas de time?

Essa é fácil.

— Cada uma delas é mais gentil e talentosa do que a outra — digo.

— Certo, certo — CEO Sang diz, balançando a mão como se estivesse pedindo para eu parar de enrolar. — Não estamos em um programa de TV. Quero que você seja honesta. Se eu tivesse que cortar uma integrante do Time 2 hoje, quem seria?

Há um murmúrio escandalizado na plateia. Meu corpo inteiro se contrai.

— Eu não poderia cortar nenhuma delas — digo —, todas são muito talentosas.

— Vamos logo, responda à pergunta, Candace.

— Eu diria que deveria ser cortada antes delas, senhor.

— Candace — CEO Sang diz, sério. — Se você não responder à pergunta, eu realmente vou te cortar. Você está sendo desrespeitosa. Me responda agora.

Bom, estou ferrada. Agora não tem escapatória. Lembro a lição da minha primeira aula com Madame Jung: você deve recusar um presente de um coreano três vezes; se eles insistirem, é hora de ceder.

Fecho os olhos com força e digo, suavemente:

— Temo que minha escolha teria que ser Helena-*unnie*.

Ouçõ suspiros de choque na plateia. Abro os olhos novamente, devagar. A cabeça de leão de CEO Sang se move para trás.

— Helena? Mas eu a considero uma das minhas melhores trainees.

— Bom, então eu gostaria de mudar minha resposta de volta para cortar eu mesma.

— Não, tarde demais. Agora preciso saber o porquê.

Consigo sentir Helena lançando mísseis infravermelhos de seus olhos na minha direção. Eu gaguejo:

— Bom, me parece que Helena é ótima em todas as habilidades que um *idol* deve ter, mas me parece que ela não é exatamente a melhor em nenhuma delas... e seu objetivo não é criar o melhor *girl group*?

Para minha surpresa, CEO Sang ri como se não pudesse estar mais satisfeito.

— Você é mais durona do que parece, Candace-shi. Uma verdadeira *yeowoo*.

Não tenho certeza, mas acho que ele acabou de me chamar de raposa – basicamente o equivalente a uma *mulher-lobo*.

— Obrigada, Candace-shi, você me forneceu observações fascinantes. Agora saia do palco para que eu possa falar com sua *unnie* Helena sobre tudo isso.

O que foi que acabou de acontecer? Minha cabeça está girando enquanto me dirijo até a coxia, onde minhas colegas estão esperando. Não consigo olhar nenhuma delas no olho, mas eu sei que é Helena que dá um puxão em meu ombro quando caminha até o centro do palco para ser grelhada pelo CEO Sang.

No momento em que piso nos bastidores, Manager Kong agarra meu pulso.

— O que diabos foi aquilo? — ela rosna, com dentes cerrados. Ela me arrasta até a sala verde, onde as integrantes do Time 1, incluindo BowHee, estão se aquecendo para a apresentação delas.

— Não sei o que deu em mim — insisto. — Desculpa!

— Como você pôde trair uma das suas colegas desse jeito? Uma das *minhas* trainees?

— Ele perguntou três vezes! — explico, encarando o chão.

— E daí? De onde você tirou esse negócio de “três vezes”, sua idiota? Você imitaria um pato se ele te pedisse três vezes?

— Eu não sei? — respondo honestamente.

Mas dá para perceber que Manager Kong acha que estou sendo petulante. Ela enfia o dedo no meu peito:

— Você precisa aprender um pouco de respeito. Você acha que só porque canta bem e sua apresentação foi boa, seu *debut* está garantido? Que já é uma celebridade?

— Não, Manager Kong...

Ela me ignora e me arrasta até o elevador para o nonagésimo